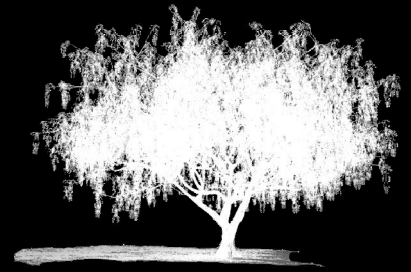


O Pimenteiro



Nº 6

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

jornalpimenteiro@gmail.com
www.jornalpimenteiro.weebly.com
www.facebook.com/paginadopimenteiro



NÃO JOGUE ESTE JORNAL NA RUA. PASSE PARA OUTRA PESSOA



Fonte: Rafael Sica

Folhetim

Nosso folhetim é baseado em fábulas - cada título é retirado de uma fábula, como as de La Fontaine, Esopo, etc, exceto pelo primeiro, que é o título.

Os trabalhadores e o castelo sem fim

T.A.C. Amaral

...os trabalhadores pensaram em quanto trabalho seria necessário para consertar os danos...

Capítulo 6: O asno na pele de leão

Os ratos haviam dominado todo o castelo. Muitos trabalhadores, assustados com a violência dos ratos, afastaram-se. Outros, ainda iludidos com suas promessas e profecias, apoiavam suas atividades.

Mas a maioria se mantinha afastada.

E, aos poucos, os trabalhadores começaram a perceber que as melhorias prometidas pelos ratos, todo seu discurso de um castelo melhor, referiam-se apenas a eles próprios, ratos. E começaram a per-

ceber que, como todo rato, estes também eram covardes quando enfrentados, e começaram a voltar ao castelo.

O castelo estava em frangalhos. E, de cada buraco, de cada fresta, os ratos espreitavam os trabalhadores retornando e tentavam entender onde seu plano havia dado errado.

Os trabalhadores, vendo o estado do castelo, a precariedade em que sua existência se encontrava, tudo o que havia sido destruído e pensando em quanto trabalho seria preciso para consertar os danos, decidiram dar um basta ao reinado

ratinheiro e, organizando-se, planejaram retomar o controle de seu castelo. E seu primeiro passo foi mostrar aos apoiadores dos ratos o que eles realmente estavam fazendo com seus esforços.

.....
Confira a continuação (e final) deste folhetim na nossa próxima (e última) edição!

Leia os capítulos anteriores em
www.jornalpimenteiro.weebly.com

Editorial

T. A. C. Amaral

Tomando o último fôlego pra reta final, o Pimenteiro se prepara pra correr as duas últimas edições, e em todas essas edições fomos crescendo – nós e o jornal.

E, no fim, quando penso em toda essa coisa de jornal, de escrever, de relatar, a coisa que mais me vem à cabeça é que somos contadores de histórias, todos. Às vezes de histórias. Fazendo um balanço do início até agora, acho que é claro que tentamos contar histórias e histórias, sobre o bairro dos Pimentas, sobre as pessoas que trabalham na área de Humanas, sobre coisas que acontecem, sobre tudo que achamos que poderia ser interessante.

Eu, Thiago, escrevi algumas coisas pro Pimenteiro, mas minhas duas responsabilidades fixas, além, é claro, de decidir com o pessoal o que iria pro jornal, foram a diagramação (a partir do segundo/terceiro número) e o folhetim. E, seguindo a tradição de contar histórias e histórias, por que não falar dessas?

A diagramação sempre foi uma dor de cabeça. Como fazer, como ficar fácil de ler, deixar atraente e ganhar espaço? Com o tempo e com o retorno dos leitores (e aproveito pra agradecer ao Paulo Ramos em especial por toda a ajuda nesse sentido) fomos melhorando a diagramação, fomos deixando o jornal mais visual, mais claro. Tudo foi ficando mais dinâmico, mais fluido e mais bonito.

Olhando os números do Pimenteiro, desde o primeiro até o mais recente (esse aqui que você está lendo), sinto que o trabalho foi ficando melhor e mais ousado, o que é uma fonte de orgulho – afinal, havia muito pouca experiência mesmo com esse tipo de coisa.

A outra coisa que sempre foi minha responsabilidade foi o folhetim. Escrevo há muitos anos, mas o folhetim foi uma coisa nova. Uma história seriada, baseada sempre nas fábulas clássicas, com uma moral final, mas dividida em capítulos que poderiam ser lidos juntos depois, com títulos não só retirados das fábulas clássicas mas que complementassem o sentido do próprio folhetim... não foi fácil. As amarras precisavam estar firmes. Mas foi bom, muito divertido e enriquecedor. O capítulo final está escrito, mas só sai, afinal, no número final do Pimenteiro.

Espero que os leitores tenham gostado, em geral, do Pimenteiro até agora, e acredito que a maioria tenha gostado. Criamos desafetos, claro, e causamos alguma dor-de-cotovelo, mas, honestamente, isso foi de tanta insignificância que rimos e continuamos nosso trabalho, procurando melhorar a cada número e ouvindo com atenção as críticas sérias. Sabe, ainda achamos que as pessoas merecem ler coisas de qualidade num mundo já tão cheio de coisas ruins e problemas.

Obrigado por nos acompanharem até agora, pessoal. :)

Língua Portuguesa

Quando menos é mais Fabiana Fanganiello

Há alguns anos, uma propaganda de cerveja utilizou um slogan que rendeu muita discussão nas salas de aula da época. Tudo porque havia nele um advérbio – criativamente usado – que causava estranheza àqueles que não estão atentos ao fato de que essa classe gramatical não possui gêneros, pelo menos quando aparece com a função de acrescentar uma circunstância ao verbo.

Toda a celeuma se deu pelo emprego da palavra “redondo” na frase “A cerveja que desce redondo”. Você também pode pensar, à primeira vista, que deveria ser redonda, porque é a cerveja que desce... Então, acontece que, no caso, a ideia é de que a cerveja desce redondamente, ou seja, causa muito prazer quando é ingerida. A cerveja, ela mesma, não é redonda. Mas desce redondamente, e para significar exatamente isso, é preciso usar a forma “redondo”, e não redonda, porque a referência é a ingestão da cerveja, e não o seu formato.

Em outras palavras – mais gramaticais –, redondo não é adjetivo de cerveja para vir no feminino, mas sim advérbio, razão pelo qual o seu emprego deve ser no masculino.

Por essa mesma razão, não existe menas! Mesmo quando você tem me-

Expediente

Direção:
T.A.C. Amaral

Edição:
Mayra Guanaes

Redação:
Lucas Araujo

Revisão e redação:
Fabiana Fanganiello

Ilustração:
Cassio Rocha

Diagramação:
T. A. C. Amaral

Colaboraram nesta edição:
Alice Nascimento
Anne H.
Daniel Coronel
Júlia Faustino
Priscila Garcia
Sarah Rocksane
Thiago Sogayar Bechara
Vanessa Caspon

Colaboradores na distribuição:
Aline Bento
Denise Ferreira
Lorrane Campos
Luiz Carlos Barreto

O Jornal “O Pimenteiro” é uma publicação cultural voltada para a população do bairro dos Pimentas, Guarulhos.

As opiniões expressas nos artigos assinados não necessariamente refletem a visão do Jornal.

Todos os colaboradores participam voluntariamente de sua elaboração.

Tiragem desta edição: 1000 exemplares

Apoio:
FapUNIFESP - Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo



TMT
TRANSPORTES E LOCAÇÃO



COMIDA TÍPICA DA FAZENDA
Shopping Bonsucesso - Tel 2496-4486

Assistente Social

Tudo começou em meados de 1980, quando organizou um grupo de vizinhos e juntos cobraram das autoridades governamentais os serviços de luz elétrica, linhas de ônibus, asfaltamento, água e canalização do esgoto para o bairro. Em 1986, participou da fundação da Pastoral da Criança, em Guarulhos, organização criada pela Dra. Zilda Arns que ajuda milhares de crianças a saírem da situação de desnutrição por meio da alimentação alternativa. No início dos anos 1990, Afonsina participou de movimentos sociais, como as manifestações pelas "Diretas Já".

Conforme o tempo foi passando, sentiu a necessidade de aprender mais sobre a sociedade e os direitos dos cidadãos. Além do que vivenciava, precisava de técnica e base teórica. A questão que passou a ecoar era: "Que curso atenderia minhas expectativas?". Após analisar, decidiu que Serviço Social seria um caminho, pois uma de suas maiores ganas era descobrir os limites e diferenças entre assistencialismo e assistência social.

No ano de 2005, ingressou na primeira turma de Serviço Social do Centro Universitário Assunção (UNIFAI). Com o decorrer dos semestres, aprendeu que a visão da sociedade sobre a profissão em questão era um equívoco. O Assistente Social não deve fazer carida-

de, distribuindo cestas básicas, por exemplo, o seu papel é encaminhar o indivíduo para que este conheça seus direitos. "Nosso trabalho é orientar a população em relação a seus direitos. O profissional da área precisa compreender o usuário em uma totalidade, não pode ter



Foto: Lidia Cunha

uma visão fragmentada.", esclarece Afonsina.

Encerrou seus estudos em 2008 e, em maio do ano seguinte, foi chamada para trabalhar em uma entidade filantrópica, a Cáritas Dio-

Lucas Araujo cesana de Guarulhos. "A associação completou 30 anos em 2012 e ao longo de sua trajetória desenvolveu vários cursos profissionalizantes que capacitaram pessoas para que pudessem entrar no mercado de trabalho e ajudar na renda familiar.", explica. "Atualmente, mantemos o curso Costura e Arte, em que os alunos aprendem a confeccionar lingeries. O público-alvo do projeto são mulheres, sobretudo as que estejam em situação de desemprego, porém nossas portas estão abertas a quem queira aprender. Funcionando nos bairros dos Pimentas, Bom Clima e Soberana, a oficina atende cerca de 50 participantes".

Hoje, aos 59 anos, Afonsina atua em sua carreira com satisfação e diz que um de seus maiores prazeres é quando há reconhecimento e resgate da autoestima de usuários dos projetos da entidade. "Como profissional, meu papel é pensar, junto com as pessoas que me procuram, quais são os caminhos, os direitos e as possibilidades que as direcionam para uma vida de qualidade e dignidade", relata a Assistente Social sobre o exercício de sua função.

Nome: Afonsina Gomes Araujo Silva

Idade: 59 anos

Profissão: Assistente Social

Coluna Social

Manifeste-se por eles também!

Uma das histórias mais bonitas, em língua portuguesa, sobre a relação do homem com os animais de estimação está contada num conto de Clarice Lispector que fala de uma menina ruiva, solitária, que encontra seu par nesse mundo: um cachorro - ruivo também, e ainda mais solitário. Não fosse o obstáculo de haver a dona do cachorro no meio deles, tudo seria perfeito. Mas nem a vida nem a arte puderam fazer algo, e o cachorrinho dobrou a esquina e nunca mais voltou.

Essa e outras histórias em que os animais são protagonistas servem de indícios, no mínimo, da enorme influência deles na vida dos homens e no convívio social em geral. Soube da grande mobilização em favor dos cuidados com os animais abandonados no campus Guarulhos da UNIFESP. Isso me deixa muito feliz! Além de mostrar a consciência dos estudantes, mostra também o outro

lado da moeda: de onde eles vieram? quem os abandonou? sentem fome, sede, dor e angústia? Olhe nos olhinhos do seu cachorro, ou qualquer que seja seu animal, quando você chega em casa: não há expressão mais pura de amor fiel e incondicional! Entretanto, como bem me falou Fabiana Fanganiello (a revisora deste tão estimado jornal), eles vivem muito muito pouco.

Por isso, fica o meu pedido: já que a hora é de manifestar, não



Foto: Mayra Guanaes

esqueçamos deles: ainda há muita crueldade e maus tratos! É preciso combater, conscientizar e... amar!

Gostaria de agradecer aos editores (Mayra e Thiago) pela oportunidade do espaço e pela justeza do assunto. Muito obrigada! Também para os franceses os pets são incondicionais! Por favor, abraços ao **Fagner** e aos outros cães que alegram o campus.

Anne H., poetisa francesa radicada no Brasil há algum tempo, adora gastronomia e leitura e diz que seu maior prazer é discordar.

Conheça o trabalho do
NAAP - Núcleo de apoio
ao animal Pimentas.
<http://tinyurl.com/lkg46hs>
NAAP

Vamos a uma

André Dahmer



Os quadrinhos estão alcançando novos espaços e novos leitores. Aquele tempo em que “dar uma corridinha” até a banca de jornal era a nossa única chance para comprar um “gibi” ficou para trás.

Hoje os quadrinhos estão em muitos lugares que não só a banca de jornal. Eles estão na sala de aula, no trabalho dos pesquisadores – sim, existem estudiosos de quadrinhos –, nas livrarias e até mesmo, veja só, no seu feed de notícias do Facebook. Talvez, ainda há pouco, algum amigo seu tenha compartilhado uma tira do Carlos Ruas, do André Dahmer ou do Allan Sieber.

Mais um lugar ocupado pelos quadrinhos atualmente são os espaços expositivos. Recentemente exposições sobre o assunto e autores como Glauco, Angeli e Liniers têm atraído um público diversificado além dos fiéis leitores de quadrinhos.

Outra exposição é a HQBR21, que traz ao público trabalhos de autores brasileiros do século XXI, divididos em três eixos: autores cujas publicações são narrativas mais longas publicadas por grandes editoras e vendidas em livrarias no formato livro, autores independentes que se autopublicam (tanto em livro ou revista) e autores que ganharam destaque utilizando como divulgação do seu trabalho a internet (depois da internet, alguns destes autores passaram a publicar suas tiras e cartuns em jornais e livros também).

Cada eixo da exposição tem uma organização diferente. No primeiro eixo, das publicações vendidas nas livrarias, há originais e esboços dos autores; no segundo eixo, de publicações independentes, além dos esboços e originais, há capas de revistas e livros que, pela pequena quantidade em que são produzidos, são raros, e, no terceiro eixo, as tiras e cartuns de cada autor estão disponíveis em monitores, visto que este é o eixo dos quadrinhos que ficaram famosos através da internet.



Educador discute quadrinhos com visitantes

A exposição?

Texto: Mayra Guanaes

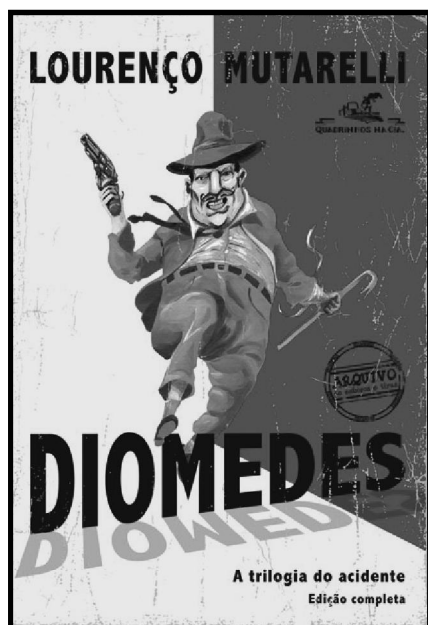


Alguns dos quadrinhos disponíveis na exposição.

Além dos eixos que organizam os autores pela forma como eles tornaram-se conhecidos do público há, entre os eixos, uma biblioteca com os quadrinhos que fazem parte da exposição, disponíveis para leitura - mas vá com tempo! Diomedes, de Lourenço Mutarelli, tem 429 páginas e Morro de Favela, de André Diniz, é disputadíssimo.

Desde o seu surgimento no século XIX, os quadrinhos mudaram muito. Hoje temos trabalhos muito mais autorais e as experimentações continuam acontecendo. Os últimos 10 anos trouxeram muitas novidades para os quadrinhos e seus autores, como as premiações e o interesse do governo em colocar quadrinhos nas bibliotecas.

Quem ainda não conhece os quadrinhos brasileiros do século XXI tem na exposição HQBR21 uma porta de entrada para conhecê-los. E para quem já conhece é a hora de ver muitos destes quadrinhos reunidos em um lugar só.



Serviço:
SESC Belenzinho
Rua Padre Adelino, 1000.
Metrô Belém.
Até 10 de agosto de 2013
Terça a sábado, das 10h às 21h.;
Domingos e feriados, das 10h às 19h30
www.sescsp.org.br
Entrada franca

O SESC está promovendo debates com vários autores, inclusive com Rafael Sica, autor do quadrinho da nossa capa. Verifique a programação no site do SESC.



A vista

Thiago Sogayar Bechara



Ver da janela de meu quarto a esfinge que era aquela casa velha jamais havia me causado a imensa curiosidade de conhecê-la que tenho hoje, após tê-la conhecido. Aquela construção propiciava qualquer coisa como compreender a verdadeira dimensão de um segredo. No dia em que finalmente tomei forças para penetrar o interior desta fachada inabitada, quanto mais eu adentrava, menos entendia que mundo era aquele e mais sem fim o imóvel ia ficando; mais ele se agigantava ante meus olhos e me inebriava com sua umidade abandonada. A sala desenca-

deou logo em mim a consciência da finitude. Era um salão gélido, vazio de qualquer mobília e que fazia eco ao simples caminhar. Tão outro planeta que era, mas rigorosamente em frente à janela do meu quarto.

Thiago Sogayar Bechara é poeta, biógrafo e ficcionista. Apresenta o programa Memória Brasil onde já recebeu artistas como Beatriz Segall. Músico nas horas vagas, lançou 7 livros e tem divulgado seu trabalho em programas como Todo Seu (Ronnie Von), Amaury Jr. e jornais como Estado de S. Paulo. Seu site: www.thiagobechara.com.br

Lista de selecionadas

Carolina Bagnara

Entre textos e anúncios da alma, vejo-me, por tantas possíveis palavras concorrentes, obrigada a selecionar as candidatas. Minha ânsia por tanto dizer me inclina sempre na direção de caber mais uma. Mas palavras demais são ruins. Coube a mim esta decisão e aqui está ela. Escrita, revisada, e enfim, publicada nesta página, a lista de selecionadas.

Explicitando os critérios utilizados, devo revelar que muitas vezes a admissão de uma ou outra palavra acaba sendo um espanto. Porém, na maioria das ocasiões, o que conta, a favor ou contra, é a tessitura do referido conjunto de letras. O que pretendo dizer com isso é que já não basta que a palavra diga por si mesmo o conteúdo desejado pelo autor de um texto. A combinação com as demais candidatas ao redor é o que realmente lhe tornará uma das contempladas deste ou de qualquer edital. Como uma trama, o tex-

to nasce do envolvimento e da disposição das palavras-fios que, uma a uma, por cima, por baixo, darão corpo ao tapete das ideias.

O caminho da escolha é sinuoso. Muitas palavras são apagadas ou trocadas por quais melhor conduzam o pensamento. Às vezes, frases inteiras são limadas em sua falta de coerência. Há casos ainda onde o problema é maior: faltam candidatas qualificadas para a função. Fica o escritor engasgado. Sem poder dividir sua com mais ninguém, ele segue condenado a imaginar sozinho.

Injustiças não de ser feitas. Todo sistema de escolha é falho. Como qualquer processo seletivo, sempre acontece de se prejudicar alguns. Não era um bom dia para a palavra, para o escritor, para o revisor que olhava tudo com olhos viciados. Nada se pode fazer quanto a isso. Resta à palavra perdedora o caminho resiliente de prosseguir atenta aos sinais da contemporaneidade para que, logo mais, possa cair no gosto dos modistas.

A discussão contempla o fato

de que as relações pessoais do júri com as candidatas sempre acabam por influenciar. No elenco de um texto, pode-se jurar encontrar palavras repetidas, parecidas, repetidas, aparecidas. O que nos falta, talvez, é qualquer parâmetro legal. Quem fiscaliza a conduta daquele que, muitas vezes sem respon-

sabilidade, conduz o lápis e esfrega impunemente sua borracha? Quem advoga pelas injustiçadas palavras que nunca sequer estrelam listas de supermercado? Quente!

Pelas frestas de um texto, percebemos, quando atentos, escolhas, se não radicais, inconscientes, que são fruto de imbricadas relações de poder. Não é a toa que a expressão "palavra mal colocada" é conhecida nas inúmeras tentativas apaziguadoras de um conflito de opinião. Não foi bem isto que eu quis dizer. Com a frase anterior, posso eu, dona e responsável por minha própria colocação, transferir culpa aos preteridos vocábulos.

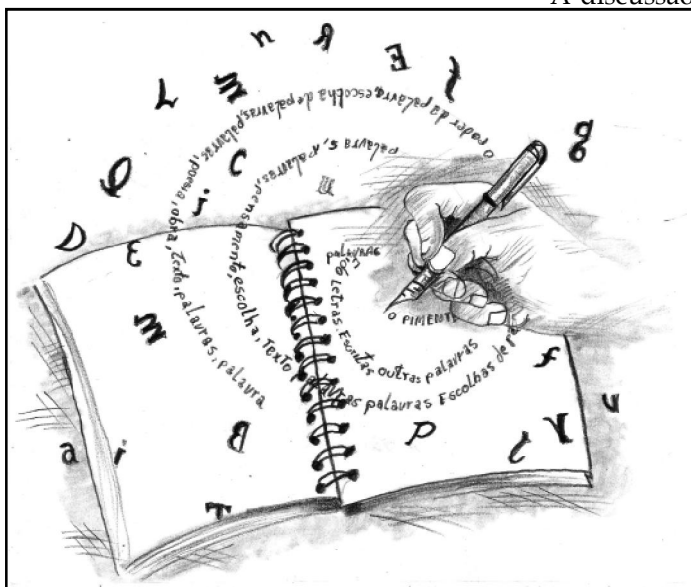
Neste sentido, coloco também a público meu posicionamento acerca da polêmica questão das cotas. As palavras chulas e tabuístas, socialmente desvalorizadas e preconceituosamente atribuídas às classes populares pouco escolarizadas foram sim, por séculos, marginalizadas e excluídas das margens livrescas. Cabe promover urgentemente políticas públicas de retratação à tamanha violência simbólica.

Pum, chulé, atoladinho.

Por fim, atento para a o desfecho inacabado deste ou de qualquer texto. Uma obra, ainda que finalizada, é sempre ponto de partida para críticas e releituras. Sendo assim, não pretendo encerrar a discussão nem fazer de meu ponto final um

* O pedido de recurso está aberto às candidatas não contempladas. Para fazê-lo, basta que compareçam ao pensamento da autora que vos escreve munidas de significado e sentido.

Carolina é Atriz, Palhaça e Educadora. Pesquisadora das múltiplas linguagens do homem e dos processos de construção do saber coletivo.



Briga de dois

Priscila Garcia

Então era isso. As patas o empurravam para frente.

Já se sabia que, pelas bandas do desconhecido, não se andava. Correrá tanto que cabresto não tinha mais, soltara-se de tão frouxo que ficara. Agora podia ver melhor a paisagem, mas já se perdera da linha reta do horizonte na estrada.

A terra em que pisava era molhada e fofa. Vez ou outra olhava para trás para verificar o quão distante ficara do passado. Já não se via nem sombra de alma viva.

Mas tinha boa memória: a memória da espora, do chicote e de Seu Quim o guiando pelas matas. Ago-

ra estava perdido, cavalgando a si mesmo e olhando mais e mais bonito pro mundo.

Mesmo depois da fuga, já longe do alcance das mãos de Seu Quim, ainda corria como se estivesse sendo perseguido, aí se lembrava que estava só e que não havia precisão de correr tanto: pressa não tinha, não.

Assim numa tranqüileza só, passou a reconhecer o chão em que pisava, a reconhecer sua macieza, os sons que estavam pra além de si. A estrada que lhe apontava caminhos tortuosos, mas caminhos.

Tudo se revelara desde a sua partida. Um descuido de Seu Quim, uma porteira aberta e lá estava ele: comendo tudo inteiro com os olhos. Não se cansava de olhar, não.

E como tudo tinha cheiro de novo, sentia sua pele o repuxar para trás vez em quando, mas como quem manda no desejo são as patas, eram elas quem o lançavam para frente.

Era briga de dois.

Priscila Garcia é uma artista-educadora. Se aventura, por vezes, na literatura. Formada em Linguística pela UNICAMP, cursa hoje Artes Cênicas na Universidade de São Paulo.

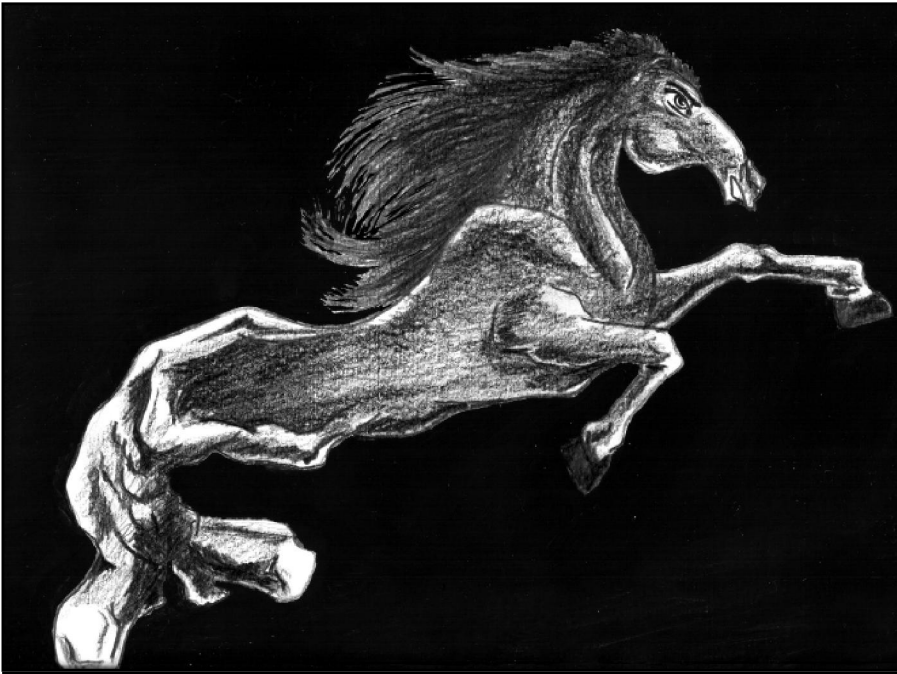


Ilustração: Daniel Coronel é um pouco artista e um pouco educador. Desde sempre, tem o desenho como uma necessidade. Agora, faz Artes Visuais na UNESP.

O Quase e o Nem Isso

Felipe Celline Vátvula

Eu sou o quase-escritor de pessoas-mais-ou-menos, que vivem em cantinhos de Mundo, trabalham em pedacinhos de empregos e fazem semi-coisas felizes.

Eu quero cantar o dia que não veio e o futuro que não foi, mas podia.

Quero versar sobre os abandonados de passado, os carentes de agora; esses tipos assim meio vice-e-versa, meio tic-tac que não pára.

Eu, eu, eu. Sempre eu. Todo parágrafo desse quase-texto até aqui suportou meus "eus". Me perdoa. Perdoa o Eu. A gente não quis passar má impressão.

Retífico: Vou escrever tudo aquilo que não fui, que não vim, que não fiz. Serei o eu-não, pelo menos aqui nessas letrinhas ou talvez nem isso, com sorte.

Felipe Celline cursa Sociais por pura teimosia, pois seu coração está nas Letras. Mantém o blog Vátvula (<http://fecer.blogspot.com.br>) há 5 anos, onde brinca de escrever.

Tatuagem é sulco na pele

Alice Nascimento

A menina, que viaja todos os dias pela manhã no trem que corta a cidade, sentiu dor no corpo. Sentou-se para descansar, ali na estação mesmo. Esticou e encolheu as pernas umas três vezes. Sentiu sono. Bocejou sentindo o ar caminhar em seu corpo como se fosse livre.

Café com pão, café com pão, café com pão. Lembrou-se do café que rimava com o trem que acabara de chegar. Silêncio por dentro. Apitos por fora. Que susto!

As portas do trem se fecharam. A menina viu seu rosto refletido no vidro. Quantos trens ela já havia pegado? Quais estações tinham passado? A menina viu seu rosto, que surpresa! O tempo havia cortado sua pele. Passou assim mesmo sem avisar. Sulcos do tempo. A menina não era mais uma menina.

Alice Nascimento é atriz-pesquisadora do grupo de teatro Más Caras, educadora em mediação de visita educativa em artes visuais e graduanda em Arte-Teatro pela UNESP.



Júlia Faustino tem 22 anos, cursa Artes Visuais e trabalha como arte educadora.

E se... você parar para ler?

Lucas Araujo Silva

Certo dia, em um ônibus a caminho da Unifesp, eu estava com os fones de ouvido ligados quando vi um movimento diferente. Desliguei meu MP3 e vi um rapaz contando histórias que ele mesmo havia criado. Enquanto ele narrava seus contos, parte dos passageiros daquele veículo parou de fazer o que fazia para apreciar. Achei interessante e incomum, uma iniciativa que não se vê todos os dias na cidade de Guarulhos. Admirei seu trabalho, resolvi pegar o contato e trazê-lo ao Pimenteiro.

Marcamos uma conversa e eu descobri que, além de contar histórias inspiradas em sua filha, Leto Maciel (26) desenvolve um trabalho junto com seus amigos Camile Brito (21) e Luis Guilherme Triñanes (21), cuja proposta é levar à sociedade uma nova forma de pensar os acontecimentos da vida.

Sem roteiros, o projeto batizado por "E se..." conta com diversificadas expressões de arte que interagem com o "pensar positivamente". Mediante a pressa, ambição, ganância e outras "desvirtudes" de nós humanos, os três jovens buscam apresentar e ajudar o público a criar um meio de filtrar os fatos cotidianos e ver o que realmente deve ser levado em consideração. A vida vai muito além de carros do ano, roupas

Carros, buzinas, estresse, contas a pagar. Ufa, passamos por tantos acontecimentos dia após dia que às vezes esquecemos que é preciso respirar. "E se..." é um projeto que abre uma nova janela para quem vive nessa loucura urbana. Confira!

guagem objetiva e clara, para que a mensagem possa ser passada sem complicações à plateia que o ouve dentro dos meios de transporte coletivos.

O objetivo do projeto é atingir pessoas de todas as idades, levando um olhar puro, sem complicações, padrões ou monotonia. A arte como um veículo para se chegar à alma.

"E se...você viesse também?"



Foto: Leto Maciel

de marca ou joias caras; ela é feita de pequenos detalhes que são cruciais para termos um bom dia: seja o sol nascente, seja a flor desabrochando.

Com a escrita, um novo mundo vai sendo traçado. Os microcontos escritos por Leto têm uma lin-

Acompanhe de perto esse trabalho e deixe que a vida lhe sorria! Acesse <http://canaldeartepositiva.blogspot.com.br/> e veja o bem que a arte faz!

Livro: O Evangelho Segundo Talião

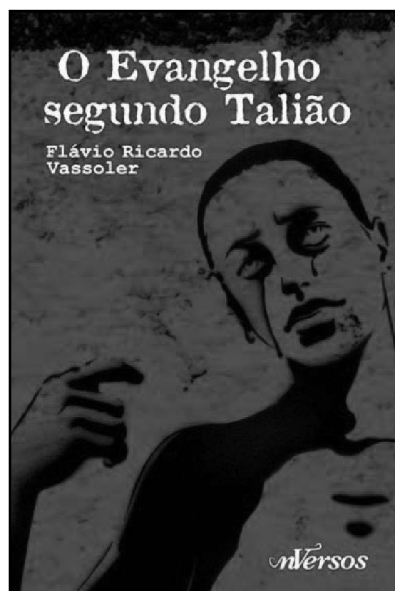
Vanessa Caspon

No último dia 20, foi lançado o livro *O Evangelho Segundo Talião*, de Flávio Ricardo Vassoler, publicada pela editora Versos.

Flávio Ricardo Vassoler, além de escritor, é professor universitário. Doutorando em Teoria Literária e Literatura Comparada pela FFLCH-USP, é organizador do livro *Dostoiévski e Bergman: o niilismo da modernidade* (Editora Intermeios). Mantém um blog intitulado "Subsolo das Memórias" (www.subsolodasmemorias.blogspot.com), onde posta trechos de seus textos literários e fotonarrativas de suas viagens pelo mundo.

O uso do termo "Evangelho" para intitular o livro é uma referência ao gênero religioso, em que estão contidos diversos princípios que servem de base para uma doutrina. Propondo-se a sugerir novas significações para o termo, o livro é

composto por várias narrativas, em que os gêneros literários são colocados em xeque: encontramos páginas do Wikipedia, entrevistas forjadas, dentre outros gêneros considerados "não ficcionais". No entanto, o livro



retrabalha esses gêneros num caráter ficcional sofisticado, nos quais também são retomados eventos que a sociedade brasileira vivenciou nos últimos anos (são feitas alusões a casos como o de Geisy Arruda e do Maníaco do Parque). Para reafirmar o caráter ficcional dessas histórias cotidianas, são inseridos personagens e elementos de obras consagradas: o episódio de Geisy Arruda é relatado por um narrador de nome Nelson Rodrigues, e outra matéria do mesmo tema é escrita por "Jorge Orwell".

O livro, assim, não pode ter um gênero completamente definido, tampouco pode-se dizer que se trata de um texto tradicionalmente ficcional. E é justamente isto que dá o tom instigante da leitura. Vale mais do que a pena conferir.

Vanessa Caspon, 7º termo de Letras Português/Inglês pela UNIFESP. Poesia é quase a tudo o que compõe. Blog: www.psiquemaquinal.blogspot.com